



Trabalho 2012

RELAÇÕES DE PODER NO EXERCÍCIO DA ENFERMAGEM: REFLETINDO A GESTÃO DO TRABALHO EM SAÚDE

Bruno Henrique Ximenes Rodrigues¹; Nayanna Monyse Ximenes de Oliveira²; Isabel Cristina Guerra Spacov³; Karelline Izaltemberg Vasconcelos Rosenstock⁴

Introdução: A compreensão do trabalho como algo fundamental à vida humana está profundamente vinculada à própria história da humanidade. O trabalho é essencialmente uma ação do homem por meio da qual transforma e melhora os bens da natureza com a qual vive historicamente e em insubstituível relação. Dentro deste contexto, surge o trabalho em saúde como um constructo coletivo e essencial para a vida humana, esta atividade faz parte do setor de serviços na esfera da produção não material, que se completa no ato de sua realização. Na sociedade mundial, a trajetória da enfermagem vivenciou diversos momentos de um jogo de forças políticas, econômicas e ideológicas que resultaram na organização do trabalho em saúde¹. A enfermagem, enquanto prática social nesse contexto influenciou e sofreu influência dessa sociedade onde está inserida, na qual existem relações de poder múltiplas que atravessam, distinguem e formam o corpo social, e estas relações não se dissociam nem funcionam sem a produção e circulação do discurso². O poder não é algo que se possa possuir porque não é um bem alienável do qual se possa ter a propriedade, sempre é exercido em determinada direção, com uns de um lado e outros de outro. A sociedade atual se sustenta em dispositivos de poder que se legitimam não mais pela força coativa do comando, mas pelo controle eficiente das subjetividades, pelo treinamento das vontades e pelo adestramento dos desejos². Diante de um cenário organizacional de trabalho em saúde em que a interação interpessoal torna-se uma característica-chave devido à constante interdependência das pessoas para realização das tarefas e o alcance das metas, a relação de poder se manifesta, tornando-se mais perceptível quando a relação se dá entre pessoas de níveis hierárquicos diferentes, podendo influenciar positivamente ou negativamente os resultados de seus subordinados e, conseqüentemente, o processo de saúde. **Objetivo:** Este trabalho tem como objetivo conhecer a construção histórica da concepção e comportamentos do enfermeiro mediante situações de utilização do poder seja na gerência, na administração ou nas relações interpessoais. **Descrição Metodológica:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem sócio-histórica, fundamentada no referencial teórico-filosófico de Michel Foucault, cujas fontes de informação foram constituídas por artigos científicos nas bases de dados LILACS, SciELO e BVS, assim como livros da literatura científica da área. **Resultados:** A literatura aponta que em relação à história da enfermagem, os enfermeiros tem se inserido no mundo do trabalho, especialmente por conta de suas subjetividades relacionadas ao processo de formação, vivências e experiências de seu ser e fazer profissional³. Esta profissão, hoje eminentemente feminina, possui raízes religiosas e militares que influenciaram na formação dos seus saberes. Até os meados do século XVIII, os religiosos detinham o poder

¹ Discente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Email para contato: brunoximenesufpe@hotmail.com.

² Enfermeira do Hospital Municipal de Gravatá, Pernambuco.

³ Enfermeira, Mestre em Genética, Docente do Núcleo de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

⁴ Enfermeira, Mestre em Enfermagem na Atenção à Saúde, Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB.



Trabalho 2012

institucional e de prestação dos cuidados que eram desempenhados por religiosas, que se dedicavam aos doentes nos hospitais ou nos lares como uma forma de amor a Deus, valendo-se de abnegação, sacrifício e caridade⁴. A partir do momento em que o hospital é concebido como um instrumento de cura e distribuição do saber científico, torna-se um instrumento terapêutico, onde o médico passa a ser o principal responsável pela organização hospitalar³. Com a medicalização dos hospitais, estabeleceu-se o saber médico e o saber da enfermagem, com esta disciplinarização, o médico pode curar os doentes e controlar o cotidiano dos demais profissionais. Neste período, com a Reforma Protestante, as religiosas foram expulsas dos hospitais transformando completamente o perfil das cuidadoras, caracterizando o período crítico da enfermagem, no qual o cuidado dos doentes ficava a cargo de pessoas sem preparo, de baixo nível social e duvidosa moralidade³. Na tentativa de romper com esta prática assistencial realizada por pessoas sem nenhum preparo, Florence Nightingale busca aproximar-se da cientificidade, incorporando os requisitos da racionalidade científica apropriando-se, também, de um forte mecanismo de controle: a disciplina. Seu modelo combinava ideias da estrutura das corporações militares e ordens religiosas, dos ideais sanitários, da moral vigente na Inglaterra no século XIX, assim como concepções médicas⁴. A disciplina nightingaleana trouxe para o cotidiano da enfermagem aspectos diversos de utilização do poder, em que o controle de cada passo, de cada gesto e de cada atitude dos enfermeiros é constante. Neste modelo, é preciso desempenhar exatamente o papel determinado, cumprindo ordens e exercendo seus deveres com exatidão e pontualidade³. Para tal, faz-se necessária a dominação sobre os corpos, onde tudo converge para que o objetivo de produção de subjetividades seja assegurado².

Conclusão: Assim, desde Florence Nightingale, a disciplina, a obediência e a subserviência na enfermagem são consideradas como parte indissociável do exercício diário, não apenas no que concernem às ações assistenciais, como também as relações entre enfermeiro e o médico, a equipe de enfermagem e a administração hospitalar. **Contribuições/ implicações para a enfermagem:** No tocante ao exercício de poder do enfermeiro atual, observa-se uma reprodução deste modelo, onde o "chefe de enfermagem", na maioria das vezes adota uma liderança de enfermagem autocrática e arrogante no comando da equipe, assumindo atitudes de autoridade, responsabilidade e exigência no cumprimento dos deveres. O que define o poder é a capacidade do indivíduo em fazer com que o outro exerça o que a ele for estabelecido, parte da ideia de fazer-cumprir e fazer-fazer. Portanto, a resolutividade das ações do trabalho em saúde depende da execução pensada, organizada e estruturada do poder. Nesta perspectiva, estão inseridos os princípios das teorias contemporâneas da administração que propõe a organização centrada no trabalho em equipe, com redução das linhas hierárquicas e a comunicação vertical. Desta forma, cabe ao enfermeiro desenvolver habilidades de liderança, principalmente para a formação de equipes em nível organizacional, mantendo um grupo funcional e coeso, influenciando as relações que ali se dão e, conseqüentemente, interferindo nos resultados individuais e organizacionais garantindo a excelência na assistência à saúde. **Referências:** 1. Marx K. O Capital: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2008; 2. Foucault M. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal; 2001; 3. Lunardi VL. Relacionando enfermagem, gênero e formação disciplinar. Rev Bras Enferm. 1993; 46(3): 286-95; 4. Barreira IA. Memória e história para uma nova visão da enfermagem no Brasil. Rev Lat Am Enfermagem.



65º CBEn
CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM

A ENFERMAGEM E O CUIDADO COM A VIDA

07 A 10 DE OUTUBRO DE 2013
CENTRO DE CONVENÇÕES SULAMÉRICA
RIO DE JANEIRO/RJ 

Trabalho 2012

1997; 7(3): 427-32.

Descritores: Enfermagem. Poder. História da Enfermagem.

Eixo III: Diversidade Cultural e o Trabalho de Enfermagem.